

**NOÇÃO DE IMORTALIDADE, MORTALIDADE E VIDA APÓS A MORTE
NA BÍBLIA HEBRAICA E EM OUTRAS LITERATURAS ANTIGAS**

**A NOTION OF IMMORTALITY, MORTALITY AND LIFE AFTER DEATH
IN THE HEBREW BIBLE AND OTHER ANCIENT LITERATURE**

Manu Marcus Hubner¹

RESUMO

A crença na imortalidade da alma e em algum tipo de existência após a morte é comum entre os povos da antiguidade. Este artigo apresenta diversas passagens da Bíblia Hebraica e de textos antigos extra-bíblicos que discutem esta crença.

PALAVRAS-CHAVE

Bíblia Hebraica, Judaísmo, Imortalidade, Mortalidade, História.

ABSTRACT

The belief in the immortality of the soul and also in some kind of existence after death is usual among ancient peoples. This article presents several passages from the Hebrew Bible and also ancient extra-biblical texts that discuss this belief.

KEY WORDS

Hebrew Bible, Judaism, Immortality, Mortality, History.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Judaicos e Árabes do Depto. Letras Orientais da FFLCH/USP.
marcush@usp.br

A crença na sobrevivência da alma é uma herança comum dos povos antigos, que pode ser confirmada através de alguns costumes: em primeiro lugar, diversos povos antigos costumavam inserir alimentos, armas, ornamentos e outros objetos nos túmulos, indicando que, acreditavam, a vida após a morte seria uma repetição da vida terrena.

Desta forma, os antigos egípcios, desde 4500 A.E.C.² até o período pré-dinástico, antes de 3100 A.E.C., enterravam seus mortos cercados de objetos, armas, ornamentos, panelas e potes com suprimentos alimentícios – o falecido precisaria de tudo aquilo que utilizou em vida. No período das primeiras seis dinastias, até aproximadamente 2181 A.E.C., os egípcios mantinham um local sobre o túmulo onde depositavam periodicamente oferendas de alimentos e bebidas, para evitar que o espírito do falecido sofresse de fome ou de sede. Uma estátua do morto com uma inscrição de seu nome, a “morada do seu espírito”, também era depositada no mesmo local, assim como outras estátuas de seus familiares. Esta morada auxiliava o espírito (*ka*) a manter a forma do homem quando ainda vivo, como também a lembrar sua identidade. Além dos alimentos, bebidas e estátuas, uma lista de objetos inscritos nas paredes com suas respectivas quantidades criava para o espírito um estoque desses objetos, cuja quantidade era representada por números. Portanto, a magia começou a ser utilizada para beneficiar o morto: a câmara mortuária não precisava mais ser preenchida com mobílias ou suprimentos, bastava esculpi-los nas paredes, junto com textos mágicos³.

De forma similar, nos túmulos dos cananeus foram inseridos recipientes e implementos para serem usados pelo falecido na vida após a morte⁴. Os mais antigos locais de culto cananeus eram os *dólmens*, uma estrutura parecida com uma mesa, formada por uma pedra bruta assentada horizontalmente sobre outras duas grandes pedras utilizadas como suportes. O *dólmen* é visto como um túmulo ou uma casa para os mortos, onde o culto aos espíritos dos mortos, *Rephaim*, eram celebrados. Estes espíritos eram sedentos e recebiam vinho e água como oferendas⁵. Oferendas regulares de alimentos e

² A expressão “A.E.C.”, “antes da era comum”, é equivalente a “a.C.”; a expressão “E.C.”, “era comum”, é equivalente a “d.C.”.

³ Reisner (1911, p. 4).

⁴ Sellers (1945, p. 11-12).

⁵ Keller (1974, p. 17).

água também eram oferecidas aos mortos em diversas outras localidades, como Ugarit, Ebla e Emar⁶.

É interessante destacar que a prática de oferendas para os mortos não é bem vista pela Bíblia Hebraica⁷. O livro do Deuteronômio parece proibir essa prática:

Quando acabares de separar todos os dízimos da tua colheita do terceiro ano, que é o ano dos dízimos, dá-los-ás ao levita, ao estrangeiro, ao órfão e à viúva, para que comam dentro das tuas portas, e se fartem. E dirás perante o Senhor teu Deus: Tirei da minha casa as coisas consagradas, e as dei ao levita, ao estrangeiro, ao órfão e à viúva, conforme todos os teus mandamentos que me tens ordenado; não transgredi nenhum dos teus mandamentos, nem deles me esqueci. Delas não comi no meu luto, nem delas tirei coisa alguma estando eu imundo, **nem delas dei para algum morto**; ouvi a voz do senhor meu Deus; conforme tudo o que me ordenaste, tenho feito. (Dt 26:12-14, grifo nosso)⁸

Em segundo lugar, o espírito do falecido poderia aparecer para os vivos. Assim, na Bíblia Hebraica, Raquel chorava por seus filhos que passavam por sua sepultura quando estavam sendo levados ao exílio:

... Eis que um clamor se ouviu por toda Ramá; lamentação, amargura e muito pranto: É Raquel chorando por seus filhos... (Jr 31:15)

Além disso, deixar um cadáver sem ser sepultado seria uma grande ofensa ao corpo e causava grande desconforto à alma. Até mesmo a demora para enterrar um cadáver, mesmo de um criminoso, era uma catástrofe.

⁶ Holm (2004, p. 480).

⁷ A Bíblia Hebraica, ou *Tanach*, é composta pelos 24 livros do Pentateuco, Profetas e Escritos. A *Torá* é o conjunto de livros que forma o Pentateuco. A palavra *Torá* é traduzida como “ensinamento, lei; definição, designação, caráter, natureza” por Jastrow (*A Dictionary of the Targumim, The Talmud Babli and Yerushalmi, and the Midrashic Literature*, 1996, p. 1657) e como “lei” por Hastings (*Dictionary of the Bible*, 1909, p. 532).

⁸ As abreviações dos livros da Bíblia seguem o padrão da Bíblia de Jerusalém. A não ser quando indicado de outra forma, a Bíblia utilizada para citações do Pentateuco neste trabalho será a *Torá: A Lei de Moisés*. Trad. Meir Matzliah Melamed. São Paulo: Sefer, 2001. Para citações dos demais livros da Bíblia Hebraica, será utilizada *A Bíblia Sagrada*. Trad. João Ferreira D’Almeida, edição revista e atualizada do software *Bible Works*.

Se um homem, culpado de um crime que merece a pena de morte, é morto e suspenso a uma árvore, **seu cadáver não poderá permanecer na árvore durante a noite; tu o sepultarás naquele mesmo dia**, pois o que for pendurado num madeiro está debaixo da maldição do desprezo de Deus. Sendo assim, não tornarás impura a terra que o Eterno, o SENHOR, teu Deus, te dá como herança! (Dt 21:22-23, grifo nosso)

Mais ainda, os patriarcas e reis procuravam enterrar seus parentes próximos uns aos outros, no mesmo sepulcro. Como exemplos, Abraão comprou um túmulo familiar e os reis de Judá foram enterrados no sepulcro real.

Em seguida, Abraão foi e enterrou o corpo de Sara na gruta do campo de Macpela, defronte de Manre, que se encontra em Hebrom, na terra de Canaã. Foi dessa maneira que o campo e a caverna que ali estão foram adquiridos por Abraão, dos filhos de Hete, como posse funerária. (Gn 23:19-20)

A expressão “repousou com seus antepassados” é empregada com relação a Abraão (Gn 25:8), Ismael (Gn 25: 17), Isaac (Gn 35:29), Jacob (Gn 49:33), como também em relação aos reis de Israel e Judá, para os quais é utilizada a expressão “repousou com seus antepassados e foi sepultado na Cidade de David”, como por exemplo, o rei David (1 Rs 2:10) e o rei Salomão (1 Rs 11:43)⁹.

Diversas passagens bíblicas claramente confirmam a crença na existência da vida após a morte:

E depois que todo o meu corpo estiver consumido pela terra, sem carne, então contemplarei a face de Deus. Eu o verei com os meus próprios olhos; eu pessoalmente, não outra pessoa o verá e me dirá como ele é! Oh! Quão intenso é o desejo do meu coração por esse dia! (Jo 19:26-27)

Essa é a razão da alegria que trago no coração e, no íntimo, exulto de prazer; e assim meu corpo repousará em paz, porque tu não me abandonarás nas profundezas da morte (Sl 16:9)

⁹ Esta expressão ocorre, com relação aos reis de Israel e Judá, nos livros de Reis, em: 1 Rs 2:10, 11:43, 14:31, 15:8, 15:24, 22:50; 2 Rs 8:24, 9:28, 12:21, 14:20, 15:7, 15:38, 16:20.

Mas Deus redimirá a minha vida da sepultura e me levará para si (Sl 49:15)

Contudo, Eu mesmo os redimirei do poder do *Sheol*, da sepultura; Eu os resgatarei da morte eterna! Onde estão, ó morte, os teus flagelos e castigos? Ó *Sheol*, o mundo dos mortos, onde está a tua destruição? Eis que agirei sem compaixão nem misericórdia (Os 13:14)

Nas profundezas, o *Sheol*, o mundo dos mortos, está todo agitado para recebê-lo quando chegares. Por tua causa o além desperta os espíritos dos mortos, todos os príncipes e governantes da terra. E faz levantar dos seus tronos a todos os reis das nações. Todos eles se interpelam e o questionam: 'Então, também tu foste abatido como nós e acabaste na mesma condição que estamos?' A tua soberba foi lançada também no *Sheol*, na sepultura, junto com o som de glória das tuas harpas. Eis que agora tua cama é feita de larvas, e tua coberta de vermes. (Is 14:9-11)

Multidões e multidões que dormem no pó da terra acordarão: uns para a vida eterna, outros para a vergonha, humilhação e para o desprezo eterno. (Dn 12:2)

Em contraste, outras passagens bíblicas trazem indícios de que não há vida além do túmulo:

Farás, entretanto, um milagre para aqueles que já se despediram da vida? Porventura os mortos virão a se levantar e te louvar? (Sl 88:10)

(Lembra-te do teu Criador), antes que se rompa o fio de prata, e se despedasse o copo de ouro, e se quebre o cântaro junto à fonte, e se desfaça a roda junto ao poço, e o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu. (Ec 12:6-7)

Escondes a tua face, e eles se perturbam; se retiras o seu alento, perecem e voltam a seu pó. (Sl 104:29)

Todos vão para o mesmo lugar; todos procedem do pó e ao pó tornarão. (Ec 3:20)

Um morre em pleno vigor, despreocupado e tranqüilo, com seus baldes cheios de leite e fresca a medula dos seus ossos. Outro, ao contrário, morre na amargura do seu coração, não havendo provado do bem. Juntamente jazem no pó, onde os vermes os cobrem. (Jo 21:23-26)

Tal como a nuvem se desfaz e passa, aquele que desce à sepultura jamais tornará a subir. (ibid. 7:9)

O homem nascido de mulher tem vida curta e passa por muitos desapontamentos e dificuldades. É como flor que se abre vigorosa, mas logo murcha, seca e vai-se como a sombra que passa, não dura por muito tempo. (ibid. 14:1-2)

O homem, porém, morre e fica prostrado; expira o homem e onde está? Como as águas do lago se evaporam, e o rio se esgota e seca, assim o homem se deita e não se levanta; enquanto existirem os céus, não acordará, nem será despertado do seu sono. (ibid. 14:10-12)

A aparente tristeza poética de Jó das três últimas citações acima encontra eco em Isaías. A “nuvem se desfaz e passa”, a “flor que logo murcha e seca”, as “águas do lago que se evaporam” e o “rio que se esgota e seca” expressam a mesma ideia de “seca-se a erva e caem as flores”.

Toda a carne é erva, e toda a sua glória, como a flor da erva;
seca-se a erva, e caem as flores, soprando nelas o hálito do SENHOR.
Na verdade, o povo é erva;
seca-se a erva, e cai a sua flor, mas a palavra de nosso Deus permanece eternamente. (Is 40:6-8)

Filósofos contemporâneos seguem a mesma linha de pensamento de Jó e de Isaías: a “rocha que se desfaz porque é poeira” e a “água que evapora porque é vapor”.

The rock crumbles because it is dust, water evaporates because it is vapor. Wherein does man differ from rock and water and other perishing things that he should be imperishable? (HOLLAND, 1885, p. 113)

Segundo o livro apócrifo¹⁰ A Sabedoria de Salomão, também conhecido como O Livro da Sabedoria, os ímpios acreditam que a morte é a extinção irremediável da vida:

¹⁰ Livros apócrifos (do grego *apokryphos*, “oculto, secreto”) são aqueles que possuem uma forte conexão com os livros canônicos da Bíblia, mas não fazem parte do cânone; tendo perdido sua sacralidade, formam uma coleção que, mesmo não fazendo parte da Bíblia Hebraica, em geral são encontrados na Septuaginta e na Vulgata (Hastings, *Dictionary of the Bible*, 1909, p. 41).

For the ungodly said, reasoning with themselves, but not aright, Our life is short and tedious, and in the death of a man there is no remedy: neither was there any man known to have returned from the grave. For we are born at all adventure: and we shall be hereafter as though we had never been: for the breath in our nostrils is as smoke, and a little spark in the moving of our heart: Which being extinguished, our body shall be turned into ashes, and our spirit shall vanish as the soft air, And our name shall be forgotten in time, and no man shall have our works in remembrance, and our life shall pass away as the trace of a cloud, and shall be dispersed as a mist, that is driven away with the beams of the sun, and overcome with the heat thereof. For our time is a very shadow that passeth away; and after our end there is no returning: for it is fast sealed, so that no man cometh again. (*Wisdom of Salomon*, Cap. 2, v. 1-5)¹¹

Para os egípcios, as grandes pirâmides e até mesmo os mais importantes monumentos foram erigidos para garantir a felicidade aos nobres na vida após a morte¹². Há uma crença na continuidade da vida extracorpórea como uma cópia da vida na terra, enquanto o espírito, imortal, preserva a personalidade, a forma, os mesmos desejos e necessidades da vida na terra¹³.

Nas listas de reis de Ebla e Ugarit, os nomes de reis falecidos são precedidos por um elemento determinativo divino, indicando que os reis falecidos se tornaram divindades menores ou seres sobrenaturais. A imortalidade era geralmente reservada aos deuses, apesar de que reis ou heróis poderiam, eventualmente, se tornar deuses. A morte seria inevitável para os seres humanos e a existência do espírito após a morte seria mais sombria do que prazerosa¹⁴.

Zarathushtra¹⁵ assegura à humanidade as bênçãos de perfeição e imortalidade por uma vida bem vivida.

I shall tell you now what the Most Holy declared to me,

¹¹ Bible, King James. *Wisdom of Solomon*, from The Holy Bible, King James Version (Apocrypha). Charlottesville (Va): Electronic Text Center, University of Virginia Library, 1995, disponível em: <<http://etext.lib.virginia.edu/etcbin/toccer-new2?id=KjvSolo.sgm&images=images/modeng&data=/texts/English/modeng/parsed&tag=public&part=all>>, acesso em: 06/08/2014.

¹² Sellers (1945, p. 6).

¹³ Reisner (1911, p. 4).

¹⁴ Holm (2004, p. 479).

¹⁵ Zarathushtra, também conhecido como Zoroastro, foi o fundador da religião do antigo Iran, Zoroastrismo ou Masedismo, Viveu em torno de 1300 A.E.C., segundo Irani (1998, p. 5).

As the word that is best for mortals to hear:

"To them who shall give heed to Me with dedication, I shall come with the blessings of Perfection and Immortality for actions of their Good Spirit."

So said Ahura Mazda.

(*Ushtavaiti Gatha, Yasna* 45:3, em: Irani, 1998, p. 36)

O mal está sujeito às consequências de alienação e perda da salvação. O *mainyu*, atitude espiritual, mentalidade ou vetor da criação, muitas vezes traduzido como “espírito”, representa o sagrado, beneficente ou virtuoso; este espírito vem da divindade Ahura Mazda e inspira e ativa o pensamento correto que leva às dádivas da integridade perfeita e da imortalidade.

For the Best Mind, and for the Best word and deed
actuated by Truth,

From the Bountiful spirit of the Lord Mazda,

May He in Sovereign Authority and through the
spirit of Right-mindedness

Bestow upon us His two great blessings,

Perfecting integrity here and Immortality hereafter.

(*Spenta Mainyu Gatha, Yasna* 47:1, em: Irani, 1998, p. 41)

O indivíduo que vive de acordo com a trilogia do Zoroastrismo – bons pensamentos, boas palavras e boas ações – alcança um estado de integridade psíquica e espiritual caracterizada como perfeição terrena, ou *Haurvatat*. Alguém que viveu desta forma atinge, após a morte, um estado de êxtase imortal conhecido como *Ameretat*. A vida após a morte é uma consequência da qualidade moral da vida de um indivíduo¹⁶.

Para os antigos chineses, o ideal de imortalidade (*hsien*¹⁷) essencialmente incluía dois elementos: a imperecibilidade ou não-morte (*pu ssu*) e a ascensão celeste (*sheng t'ien*). A primeira se refere à extensão da vida neste mundo, enquanto a segunda, em outro mundo. Porém, a *hsien*-imortalidade é um estado contínuo da vida mundana, e não uma jornada após a morte¹⁸. Os chineses estavam mais preocupados em alcançar a longevidade ou a imortalidade neste mundo do que em transcendê-lo¹⁹. Para os antigos chineses, há

¹⁶ Ibid.

¹⁷ “Having a long life and ascending to heaven” (Lai, 1998, p. 184).

¹⁸ Ibid.

¹⁹ Yü (1964-65, p. 99).

uma ênfase acentuada na importância da vida, “a suprema virtude do céu e da terra” – o céu (*Tao*) produz a vida e a terra (*Te*) a nutre²⁰.

So Heaven is known as Father, the Life Producer, and Earth is known as Mother, the Life Fosterer. (*T'ai-p'ing ching* 658, em: Yü, 1964-65, p. 85)

Sendo a vida tão valorizada, a longevidade (*shou*) se tornou um dos mais antigos e universais desejos dos chineses, sendo o termo mais comumente repetido nas orações por bênçãos das inscrições de bronze do período Chou (1046-771 A.E.C.). No período Ch'un-ch'io (722-481 A.E.C.), as orações tornaram-se mais ávidas por “retardamento da idade avançada” (*nanlao*) e “ausência da morte” (*wu-ssu*).²¹ Após a unificação da China feita por Ch'in Shih Huang (221 A.E.C.), a busca por drogas que prolongavam a vida, que já era uma prática generalizada entre príncipes de vários estados, passou a ser intensa e em larga escala²².

Nas fontes literárias gregas antigas, a partir de Homero²³, a imortalidade era uma característica de divindade, e os próprios deuses eram chamados de imortais. Os homens são mortais, mas possuem algum tipo de sobrevivência após a morte – suas almas descem ao Hades²⁴, o Mundo dos Mortos, e eles continuam reconhecíveis como os indivíduos que foram durante suas vidas, apesar de limitados. É possível que, no início do sexto século A.E.C., um movimento religioso inspirado por fontes orientais tenha se desenvolvido na Grécia, o qual acreditava que a alma humana é imortal, e que há um julgamento dos atos dos homens por parte dos deuses após a morte. Esta doutrina foi atribuída ao poeta mítico Orfeu²⁵.

²⁰ *T'ai-p'ing ching*, seguindo a tradição Confucionista-Taoísta do segundo século E. C. (Yü, 1964-65, p. 84).

²¹ Yü (1964-65, p. 87-88).

²² *Ibid.*, p. 93.

²³ Por volta do oitavo século A.E.C., autor de *Ilíada* e *Odisséia*.

²⁴ Nome usado para designar tanto o deus governante quanto o Mundo dos Mortos, nos subterrâneos da Terra, que ele governa.

²⁵ A influência dessa doutrina pode ser percebida em Platão, *Republic* 2, p. 364e: “And they produce a bushel (noise) of books of Musaeus and Orpheus, the offspring of the Moon and of the Muses, as they affirm, and these books they use in their ritual, and make not only ordinary men but states believe that there really are remissions of sins and purifications for deeds of injustice, by means of sacrifice and pleasant sport for the living” (Plato. *Plato in Twelve Volumes*. Vols. 5-6. Trad. Paul Shorey. Cambridge (MA): Harvard University Press; 1969, disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0168%3Abook%3D2%3Asection%3D364e>>, acesso em: 18/11/2013).

Sócrates (469-399 A.E.C.) claramente acreditava na vida após a morte²⁶, que seria um reencontro com outras pessoas mortas, uma transferência aparentemente tranquila para outro lugar.²⁷ Platão (428-348 A.E.C.) manteve estas ideias²⁸, acrescentando três argumentos para provar a imortalidade da alma: primeiro argumento: tudo o que existe possui algum oposto; sendo assim, viver e morrer são opostos, mas deve haver algum processo através do qual é possível que coisas vivas venham de coisas mortas²⁹. Segundo argumento: nossa habilidade em argumentar é prova de que possuíamos algum tipo de conhecimento adquirido antes do nascimento³⁰. Terceiro argumento: ao contrário do corpo, a alma é invisível, imutável, uniforme e eterna, enfim, imortal³¹. Para Aristóteles (384-322 A.E.C.), os deuses são imortais, os céus e a terra são eternos, e os eternos movimentos dos céus são resultados das atividades eternas dos deuses, que mantêm os céus em movimento. Aristóteles chama a alma de “primeiro nível de realidade de um corpo natural vivo”,³² sendo que a alma não pode sobreviver à dissolução do corpo. Imortalidade não é vida eterna, nem uma forma ou tipo de vida: é algo que acontece com a vida. A vida é um processo físico, incapaz de ser imortal. Assim, quando a vida passa para a imortalidade, ela deixa de ser vida e passa a ser algo superior. Imortalidade, então, é a vida que passou para a eternidade³³. Para Sêneca (4 A.E.C. – 65 E.C.), a vida continua após a morte de forma que o falecido pode não estar consciente deste fato de imediato:

²⁶ Brennan (2002).

²⁷ “Death doesn't seem all that bad. For if it is like a long, trouble-free sleep, it's better than most days that most people have while alive. If it is part of a spiritual transference to another place, where all the other dead humans are, then one can meet all the other dead and compare notes about life, as well as continue philosophizing and inquiring – and it would seem that people are immortal there, too” (*Plato's Apology of Socrates* 40c-41b. Trad. James Redfield. The Committee on Social Thought, The University of Chicago, disponível em: <<http://home.uchicago.edu/~ahkissel/index.html>>, acesso em: 18/11/2013).

²⁸ Platão mostra alguma dúvida em sua obra *Apology*: “...his hope of immortality is uncertain...”. (PLATO. *Apology Also known as The Death of Socrates*. Trad. Benjamin Jowett. Disponível em: <<http://www.fullbooks.com/Apology-Also-known-as-The-Death-of-Socrates.html>>, acesso em: 11/08/2014).

²⁹ “The souls of the dead must be somewhere whence they can come back again” (Opposites Argument 70a-72e).

³⁰ “Our souls existed apart from the body before they took on human form” (Recollection Argument 73a-77e).

³¹ “The soul is most like the divine, deathless, intelligible, uniform, and indissoluble” (Resemblance Argument 78b-84b).

³² “The soul is the first grade of actuality of a natural body having life potentially in it” (Aristotle. *On the Soul II:1*, em: *The Internet Classics Archive from MIT*. Trad. J. A. Smith. Disponível em: <<http://classics.mit.edu/Aristotle/soul.html>>, acesso em: 18/03/2013).

³³ Davidson (1874, p. 144-145).

When Claudius saw his own funeral train, he understood that he was dead.³⁴

Sêneca acredita que somente um deus, Zeus, desfruta de completa imortalidade; o resto do panteão foi criado no início de um ciclo cósmico e subordinado a Zeus em sua conflagração. Apenas o perfeitamente virtuoso goza de imortalidade como os deuses.³⁵

Philo afirma que a natureza humana é perecível³⁶ e que a imortalidade e a incorruptibilidade são quase impossíveis para o homem.³⁷

Um epitáfio (inscrição num túmulo) romano chama o túmulo de *domus aeterna*, “lar eterno”. Mesmo sendo uma simples inscrição, traz um conteúdo profundo e moral³⁸.

Cícero (106-43 A.E.C.) contrasta a curta duração da vida com a longa duração da morte³⁹. Além de desejar a imortalidade, Cícero procurava por argumentos para prová-la, chegando até a admitir a sobrevivência da alma, mas sem entender sua consistência, até que, finalmente, admite que a alma possui qualidades divinas e é imortal.⁴⁰

A imortalidade nem sempre é vista como a sobrevivência da alma ou a isenção da morte; para muitos, existem outras formas de imortalidade. Para Sellers, existem três tipos de imortalidade: a primeira, a imortalidade figurativa, é uma espécie de imortalidade poética na qual o homem é imortal, mesmo quando seu corpo morre e sua alma sai do corpo. O homem continua vivendo nas vidas de seus descendentes e na memória de seus amigos, como também na influência que suas ações exercem na sociedade, mesmo após o homem ter sido esquecido⁴¹. Assim, Philo acreditava que a educação e a instrução levam

³⁴ SENECA. *Apocolocyntosis*. Trad. W. H. D. Rouse. PG Distributed Proofreaders, 1920, disponível em: <<http://www.fullbooks.com/Apocolocyntosis.html>>, acesso em: 11/08/2014.

³⁵ “His life will be like that of Jupiter, who, amid the dissolution of the world, when the gods are confounded together and Nature rests for a space from her work, can retire into himself and give himself over to his own thoughts” (*Moral Letters to Lucius by Seneca* 9:16, disponível em: <http://en.wikisource.org/wiki/Moral_Letters_to_Lucilius/Letter_9>, acesso em: 18/11/2013).

³⁶ “...perishable nature of a man” (Philo, *On Providence*, 1894, p. 27253).

³⁷ Philo (*On The Eternity of The World*, *ibid.*, p. 25252; *Concerning the World*, *ibid.*, 30888).

³⁸ Sullivan (1943, p. 20).

³⁹ *Ibid.*, p. 16-17.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 17-18.

⁴¹ Sellers (1945, p. 2-3).

à imortalidade, enquanto a ignorância conduz à morte⁴². O nome próprio da “eternidade”, a partir da qual não há saída, seria “hoje”⁴³, já que meses, anos e as demais divisões do tempo são apenas invenções humanas; além disso, o sol é sempre o mesmo, sem mudanças, e ele é o responsável pelos dias e noites e as medidas de tempo. Maimônides acreditava que o homem poderia atingir a imortalidade através da perfeição intelectual⁴⁴. Cícero (106-43 A.E.C.) abraça com entusiasmo a ideia tangível e atraente da imortalidade do nome e da fama, e celebra o tema da glória. A glória militar era o sonho de qualquer romano, mas Cícero transferiu a primazia para a glória do estadista, sugerindo que o campo da literatura também possuía sua honra. Cícero acaba admitindo que a alma é imortal⁴⁵. Horácio (65-8 A.E.C.) parece acreditar apenas na imortalidade da fama⁴⁶. Porém, é possível que os poetas apenas promovam o contraste entre vida e morte com suas palavras, sem necessariamente estar revelando aquilo em que acreditam⁴⁷.

O segundo tipo de imortalidade seria a morte do corpo e a permanência do espírito em sua existência individual – a vida após a morte, que pode estar repleta de punições ou de felicidade. O terceiro tipo, quando há isenção da morte, pode ser exemplificado por dois personagens bíblicos: Enoque e Elias. Estes dois personagens parecem ter sido levados fisicamente para os céus, sem nunca terem experimentado a morte.

Enoque andou sempre em comunhão com Deus e um dia desapareceu, porquanto Deus o arrebatou! (Gn 5:24)⁴⁸

Enquanto estavam caminhando e conversando, um carro de fogo, puxado por cavalos em chamas, separou-os um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho.” (2 Rs 2:11)

⁴² Philo (*Drunkness*, 1894, p. 7795).

⁴³ Philo (*On Flight and Finding*, *ibid.*, p. 11563).

⁴⁴ Maimônides (1956, p. 558-559).

⁴⁵ Sullivan (op. cit., p. 17-18).

⁴⁶ *Ibid.*, p. 20.

⁴⁷ *Ibid.*

⁴⁸ Rashi, em seu comentário sobre Gn 5:24, explica que Deus o levou antes da sua hora de morrer (Bíblia *The Pentateuch and Rashi's Commentary: A Linear Translation into English*, 1976, p. 50).

Há outra personagem bíblica com um desfecho similar: Serah⁴⁹, filha do patriarca Asher, viveu desde a migração dos patriarcas israelitas para o Egito⁵⁰, no tempo do patriarca Jacob, até a geração do rei David⁵¹, e depois foi levada ainda em vida para o Éden.

Serach their sister, who was carried away while alive into the Garden (of Eden), because she had announced to Jakob that Joseph still lived. It was she who saved the inhabitants of (the city) Abel from the judgment of death, in the days of Joab⁵².

The name of the daughter of Asher was Sarach, who was conducted by six myriads of angels, and taken into the Garden of Eden alive, because she had made known to Jacob that Joseph was living⁵³.

Difícilmente se pode entender alguém ser “arreatado” para o céu de uma forma diferente do que a crença em uma vida futura⁵⁴.

Ambos parecem, para o salmista, raras exceções, já que o derradeiro fim de todo homem é o sepulcro.

Que homem há, que viva e não veja a morte? Ou que livre a sua alma das garras do sepulcro? (Sl 89:48)

Porém, a Bíblia Hebraica supostamente preserva uma passagem onde há um segredo para que se adquira a imortalidade – provavelmente a vida eterna terrena com isenção da morte: a Árvore da Vida. Após Adão e Eva comerem do fruto da árvore do

⁴⁹ Serah é listada como filha de Asher em Gn 46:17 (“Os filhos de Aser: Imna, Isvá, Isvi, Berias e Sera, irmã deles...”), Nm 26:46 (“O nome da filha de Aser foi Sera.”) e 1 Cr 7:30 (“Os filhos de Aser: Imna, Isvá, Isvi e Berias e Sera, irmã deles.”).

⁵⁰ Conf. Gn 46:8: “São estes os nomes dos filhos de Israel, Jacó, e seus filhos, que vieram para o Egito:...” e Gn 46:17: “Os filhos de Aser: Imna, Isvá, Isvi, Berias e Sera, irmã deles...”.

⁵¹ Segundo o relato de 2 Sm 20:16, uma “mulher sábia” salva da destruição a cidade de Abel-Bete-Maaca pelo exército comandado por Joab, por ordem do rei David. O *Targum Yonathan* identifica esta mulher com Serah.

⁵² *Targum Yonathan ben Uziel*, em: *Mikraot Guedolot Meorot*, 1995, Vol. 1, p. 943 (original em aramaico); Trad. Malcolm C. Doubles (St. Andrews University, Laurinburg, NC), *The Newsletter for Targumic and Cognate Studies*, disponível em: < <http://targum.info/pj/pjgen44-47.htm>>, acesso em: 28/08/2104.

⁵³ Id., em: *Mikraot Guedolot Meorot*, 1995, Vol. 4, p. 579 (original em aramaico); Trad. Malcolm C. Doubles (St. Andrews University, Laurinburg, NC), *The Newsletter for Targumic and Cognate Studies*, disponível em: < <http://targum.info/pj/pjnum25-30.htm>>, acesso em: 28/08/2104.

⁵⁴ Harper (1894, p. 328).

conhecimento do bem e do mal (Gn 3:6), ambos foram expulsos do Jardim do Éden, com a seguinte fala divina:

Eis que o homem se tem tornado como um de Nós, para saber o bem e o mal. E agora quiçá ele estenda a sua mão e tome também da **árvore da vida** e coma, **e viva para sempre**. (ibid., 3:22, grifo nosso)

Entende-se, então, que a árvore da vida proporciona vida eterna. Consequentemente, o homem foi expulso do Éden para que não tivesse a oportunidade de comer dos frutos da árvore da vida, tornando-se imortal.

A árvore da vida é um símbolo⁵⁵ de sabedoria e de plenitude para o livro de Provérbios.

Feliz o homem que acha sabedoria, e o homem que adquire conhecimento; porque melhor é o lucro que ela dá do que o da prata, e melhor a sua renda do que o ouro mais fino. Mais preciosa é do que pérolas, e tudo o que podes desejar não é comparável a ela. O alongar-se da vida está na sua mão direita, na sua esquerda, riquezas e honra. Os seus caminhos são caminhos deliciosos, e todas as suas veredas, paz. É árvore de vida para os que a alcançam, e felizes são todos os que a retêm. (Pr 3:13-18)

O fruto do justo é árvore de vida, e o que ganha almas é sábio. (ibid., 11:30)

A esperança que se adia faz adoecer o coração, mas o desejo cumprido é árvore de vida. (ibid., 13:12)

A língua serena é árvore de vida, mas a perversa quebranta o espírito. (ibid., 15:4)

Existem diversos documentos extra-bíblicos que discutem este tema.

⁵⁵ Segundo Eliade (2002, p. 363), o símbolo tem como função transformar um objeto ou ato em algo diferente daquilo por que este objeto ou ato são tidos na experiência profana. O símbolo revela uma realidade sagrada ou cosmológica. O símbolo descontinua a ruptura entre sagrado e profano, e identifica o indivíduo com o cosmos e com a comunidade. Tudo pode ser um símbolo ou desempenhar o papel de um símbolo. Até mesmo uma pedra pode ser o símbolo do centro do mundo.

No texto acádio “O Épico de Gilgamesh”, o protagonista adquire uma planta que rejuvenesce, mas a planta é logo levada por uma serpente:

Gilgamesh says to him, to Urshanabi, the boatman:
“Urshanabi, this plant is a plant *apart*,
Whereby a man may regain his life’s breath.
I will take it to ramparted Uruk,
 Will cause [...] to eat the plant...!
Its name shall be ‘Man Becomes Young in Old Age.’
I myself shall eat (it)
 And thus return to the state of my youth.”
(...)
A serpent snuffed the fragrance of the plant;
It came up [from the water] and carried off the plant.
Going back it shed [its] slough.
(*The Epic of Gilgamesh*, Trad. E. A. Speiser, apud Pritchard, 2011, p. 71)

Albright claramente vê no desfecho deste trecho uma versão da narrativa da perda da eternidade humana (Gn 3), mesmo sendo, neste trecho, uma planta que rejuvenesce, e não uma planta que dá a vida⁵⁶.

Ainda no Épico de Gilgamesh, o protagonista tenta aprender o segredo da imortalidade, sem sucesso.

Who, my friend can scale he[aven]?
Only the gods [live] forever under the sun.
As for mankind, numbered are their days;
whatever they achieve is but the wind.
(*The Epic of Gilgamesh*, Trad. E. A. Speiser, apud Pritchard, 2011, p. 50)

O ale-wife (Siduri), now that I have seen thy face,
Let me not see the death which I ever dread.
The ale-wife said to him, to Gilgamesh:
“Gilgamesh, whither rovest thou?
The life thou pursuest thou shall not find.
When the gods created mankind,
Death for mankind they set aside,
Life on their own hands retaining (...).”
(*ibid.*, pp. 61-62)

⁵⁶ Albright (1920, p. 278).

O herói ugarítico Aqhat é tentado pela deusa Anat, que lhe oferece vida eterna em troca de seu arco. Mas ele recusa a oferta, pois acredita que o homem não tem capacidade de receber a imortalidade; o homem, por definição, é mortal, seu destino é a morte.

“Ask for life, O Aqhat the Youth
Ask for life and I’ll give it thee,
For deathlessness, and I’ll bestow’t on thee.
I’ll make thee count years with Baal,
With the sons of El shalt thou count months.”

(...)

“Fib not to me, O Maiden; For to a Youth thy fibbing is loathsome.
Further life – how can mortal attain it? How can mortal attain life
enduring? Glaze will be poured [on] my head, Plaster upon my pate
(my hair will turn white); And I’ll die as everyone dies, I too shall
assuredly die”.

(*The Tale of Aqhat*, também conhecido como *The Epic of Daniel or Danel*, Trad. H. L. Ginsberg, apud Pritchard, 2011, p. 139)⁵⁷

Em contraste, alguns personagens mesopotâmicos conseguem obter a tão sonhada imortalidade dos deuses: os personagens Utnapishtim, do mito acádio “O Épico de Gilgamesh”, e o rei Ziusudra, do mito sumério “O Dilúvio”; ambos correspondem ao personagem bíblico Noé, e são agraciados com vida eterna, após sobreviverem a um dilúvio em um grande barco.

Thereupon Enlil went aboard the ship.
Holding me by the hand, he took me aboard.
He took my wife aboard and made (her) kneel by my side.
Syanding between us, he touched our foreheads to bless us:
‘Hitherto Utnapishtim has been but human.
Henceforth Utnapishtim and his wife shall be like unto us gods’.
(*The Epic of Gilgamesh*, Trad. E. A. Speiser, apud Pritchard, 2011, p. 69)

Ziusudra, the king,
Prostrated himself before Anu (and) Enlil.
Anu (and) Enlil cherished Ziusudra,
Life like (that of) a god they give him,
Breath eternal like (that of) a god they bring down for him.
(*The Deluge: A Sumerian Myth*, Trad. S. N. Kramer, apud Pritchard, 2011, p. 27)

⁵⁷ O texto completo (KTU 1.17:6:34-38) pode ser conferido também em: FAWKES, Glynnis; ALLAN, Robert. *Aqhat*. Trad. N. Wyatt. Louvre, inv. no. AO 17.324, p. 13, disponível em: <<http://glynnisfawkes.com/wp-content/uploads/2011/03/AQHAT.pdf>>, acesso em: 10/12/2013.

O rei mesopotâmico Izdubar também consegue obter a imortalidade dos deuses.

O Spirit of the Lord of Lands,
 And Goddess of the Earthly Lands,
 Protect him! Raise with strength his hands!
 Oh, make him as the Holy Gods,
 (...)Thou Spirit of this man! Arise!
 Come forth with joy! Come to the skies!"
 And lo! His leprosy has fled away!
 He stands immortal, — purged! Released from clay!
 (*The Epic of Ishtar and Izdubar*, apud McCarty, 1901, p. 151)

Outro exemplo de obtenção da imortalidade é o mítico imperador chinês Huang-ti, ou “Imperador Amarelo” (2697-2597 A.E.C.)⁵⁸, que alcança o estágio de imperecibilidade ou “não-morte” (imortalidade sem transcender este mundo) após alcançar P’eng-lai⁵⁹ e realizar sacrifícios. Em um estágio futuro, o imperador acaba ascendendo aos céus nas costas de um dragão com toda sua comitiva, incluindo um harém de mais de setenta pessoas⁶⁰. Há outros exemplos de homens que atingiram a imortalidade na literatura antiga chinesa: Liu An, príncipe de Huai-nan, forçado a cometer suicídio em 122 A.E.C. por insubordinação contra o imperador Wu-ti (141-87 A.E.C.), que ascendeu aos céus após sua morte junto com todos os membros de sua família, seus cães e galos⁶¹; T’ang Kung-fang, cerca de 7 E.C., um oficial do governo e discípulo de um imortal que recebe drogas da imortalidade, tornando-se imortal enquanto ainda trabalhava para o governo, que acaba sendo “levado para outra existência” por um vento forte e uma nuvem escura, com toda sua família, seus animais domésticos e até mesmo sua casa⁶².

Para os povos antigos, haveria uma permanente ligação do corpo com a alma – sua natureza, na vida após a morte, era insubstancial, concebida em termos de respiração,

⁵⁸ Um dos míticos imperadores que supostamente criou os elementos básicos da civilização chinesa e um dos fundadores do Taoísmo (*Yellow Emperor*, em: The Columbia Encyclopedia, 6th Edition, 2013, disponível em: <http://www.encyclopedia.com/topic/Yellow_Emperor.aspx#2>, acesso em: 23/07/2014).

⁵⁹ Uma das três montanhas divinas no mar, segundo Yü (1964-65, p. 99).

⁶⁰ *Ibid.*, p. 104.

⁶¹ *Ibid.*, p. 106.

⁶² *Ibid.*, p. 107.

vento, sombra, espectro e reflexo⁶³. Assim, a alma que dá vida ao corpo humano é comparada pela Bíblia Hebraica a um vento ou sopro:

Então, formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida (וַיִּפֶּחַ בְּאַפָּיו נְשֵׁמַת חַיִּים), e o homem passou a ser alma vivente. (Gn 2:7)

...se lhes cortas a respiração, morrem e voltam ao seu pó. (Sl 104:29b)

A palavra *ruah* (רוח) significa, ao mesmo tempo, “vento, ar” como também “alma, espírito”⁶⁴.

Além da ligação da alma com a respiração (vento ou ar), o sangue é considerado o lugar da alma⁶⁵. Em hebraico, *ne·pēš*, “alma”, está associada ao sangue:

Porém, a carne com sua alma (estando com vida) e seu sangue, não comereis (Gn 9:4).⁶⁶

Porque a alma de cada criatura se acha ligada ao sangue (Lv 17:11).⁶⁷

Porque a alma de toda criatura está ligada a seu sangue; e Eu disse aos filhos de Israel: o sangue de nenhuma criatura não comereis, porque a alma de toda criatura está ligada ao seu sangue; todo aquele que comer dele será banido (Lv 17:14).⁶⁸

Somente esforça-te em não comeres o sangue, porquanto o sangue é a alma; e não comerás enquanto a alma está junto à carne! (Dt 12:23).⁶⁹

⁶³ Wood (1916, p. 123-126).

⁶⁴ Segundo Brown, Driver & Biggs (*The New Brown-Driver-Briggs-Gesenius Hebrew and English Lexicon*, 1979, p. 924), o termo *ruah* (רוח) pode significar “respiração, vento ou espírito”. Segundo Jastrow (*A Dictionary of the Targumim, The Talmud Babli and Yerushalmi, and the Midrashic Literature*, 1996, p. 1458), “vento, ar, direção, lado; mente, disposição, espírito; alma.”

⁶⁵ Segundo Wood (1916, p. 122), já que o cessar da respiração e o derramamento de sangue são acompanhantes da morte, era natural para a mente “primitiva” ver a respiração e o sangue como o lugar da alma.

⁶⁶ אַדְּבִשָׁר בְּנִפְשׁוֹ דָּמוֹ לֹא תֹאכְלוּ. (Gn 9:4).

⁶⁷ כִּי נֶפֶשׁ הַבְּשָׂר בְּדָם הוּא. (Lv 17:11).

⁶⁸ לֹא תֹאכְלוּ דָּמוֹ בְּנִפְשׁוֹ הוּא נֶפֶשׁ כָּל־בְּשָׂר דָּמוֹ הוּא כָּל־אֲכָלֶיּוֹ יִפְרֹת. (Lv 17:14).

⁶⁹ דָּם הַדָּם לֹא תֹאכְלוּ וְלֹא־תֹאכְלוּ עִם־הַבְּשָׂר. (Dt 12:23).

Os essênios, conforme relata Josephus, acreditavam que a matéria que constitui o corpo não é permanente, mas a alma, imortal, é feita do mais fino ar, e se une ao corpo como se fosse uma prisão, através de algum tipo de encanto natural⁷⁰.

Para Philo, a alma humana é material, feita do quinto elemento – o éter, já que o corpo é feito dos outros quatro elementos. O éter seria superior aos outros elementos materiais, pois seu movimento natural é circular e ele é revelado em forma de estrelas, já que compõe o céu. A alma humana é um fragmento que retorna para o éter após a morte, assim como o corpo é dissolvido nos quatro elementos⁷¹. Alegoricamente, “almas”, “anjos” ou “demônios” seriam iguais, seriam as criaturas vivas do ar, assim como os peixes seriam as criaturas vivas do mar⁷².

No poema chinês *Chuang Tzu*, do início do período Han (206 A.E.C. a 220 E.C.), os imortais que transcendem este mundo “inalavam o vento e bebiam o orvalho”, e “sua carne e pele eram como gelo e neve”.⁷³

A alma humana continuaria com a aparência do corpo após a morte, mesmo que mais pálida ou sombria. Como exemplo, a “sombra” do profeta Samuel é reconhecida por sua aparência e seu manto:

Assim que a mulher viu Samuel, exclamou em alta voz e indagou a Saul: “Por que me enganaste? Tu és Saul!” Em seguida o rei a acalmou afirmando: “Não temas! Revela-me o que estas vendo?” Então a mulher explicou-lhe: “Observo *elohim*, um ser divino, que sobe da terra!” Então Saul quis saber mais e lhe indagou: “Qual a aparência dele?” Ao que a mulher prontamente replicou: “É como um homem idoso, vestindo um manto, e está subindo.” Então Saul deduziu que era Samuel: ajoelhou-se e prostou-se com o rosto no chão. (1 Sm 28:12-14)

⁷⁰ Josephus (*The Wars of the Jews or History of the Destruction of Jerusalem*, s/d, Livro 2, p. 2446).

⁷¹ Philo (*On Dreams, That They are God-Sent*, *ibid.*, p. 15085; *On The Eternity of The World*, *ibid.*, 25247-25254).

⁷² Philo (*On the Giants*, *ibid.*, p. 5424).

⁷³ “...inhaled the wind and drank the dew”; “His flesh and skin were like ice and snow” (*Chuang Tzu*, trad. Fung Yu-lan, em: Yü, 1964-65, p. 91).

A alma do falecido permanece com suas lembranças, sua consciência e seu interesse no mundo dos vivos, além dos seus poderes vocais, como é possível perceber no exemplo acima mencionado, quando Raquel continua chorando por seus descendentes (Jr 31:15), ou no desfecho do encontro do espírito do profeta Samuel com o rei Saul:

Então Samuel disse: “Por que me indagas sobre isso, se o SENHOR se afastou de ti e se tornou teu inimigo? O SENHOR te fez como havia revelado por meu intermédio; pois o SENHOR rasgou o reino da tua mão e o entregou a Davi, o teu próximo. O SENHOR te fez isso hoje, pois não obedeceste à sua palavra e não executastes as suas ordens de juízo e grande ira sobre os amalequitas. E, portanto, o SENHOR entregará a ti e todo o povo de Israel nas mãos dos filisteus, e amanhã tu e teus filhos estareis comigo, e o SENHOR entregará todo o exército de Israel ao domínio dos filisteus!” (1 Sm 28:16-19)

Assim, segundo Hallevi⁷⁴, esta atitude de Saul, apesar de proibida pelo Judaísmo, nos mostra que, no tempo dos profetas, as pessoas acreditavam na imortalidade da alma após a morte do corpo.

Além da proibição da oferenda de alimentos aos mortos, tanto o livro do Deuteronômio como as admoestações de Isaías proíbem a consulta aos mortos:

Não se achará no meio de ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador, nem quem consulte um espírito adivinhador, nem mágico, **nem quem consulte os mortos.** (Dt 18:10-11, grifo nosso)

Quando vos disserem: Consultai os que têm espíritos familiares e os feiticeiros, que chilreiam e murmuram, respondei: Acaso não consultará um povo a seu Deus? Acaso a favor dos vivos **consultará os mortos?** (Is 8:19, grifo nosso)

Até mesmo reis israelitas cometeram este pecado, como os reis Saul e Menassés.

Então disse Saul aos seus servos: Buscai-me uma necromante, para que eu vá a ela e a consulte. Disseram-lhe os seus servos: Eis que em Endor há uma mulher que é necromante. Então Saul se disfarçou, vestindo outros trajes; e foi ele com dois homens, e chegaram de noite

⁷⁴ Hallevi (1905, p. 630).

à casa da mulher. Disse-lhe Saul: Peço-te que me adivinhes pela necromancia, e me faças subir aquele que eu te disser. (1 Sm 28:7-8)

E [Menassés] até fez passar seu filho pelo fogo, e usou de augúrios e de encantamentos, e instituiu adivinhos e feiticeiros... (2 Rs 21:6)

Para os egípcios, o corpo era considerado perecível e destrutível, enquanto o espírito seria capaz de preenchê-lo por completo e permanecer ao seu lado após a morte⁷⁵. Os reis possuíam uma alma adicional chamada *ba* que, após a morte, voava como um pássaro ou outra forma escolhida para o céu, transformando-se em uma estrela. Em tempos mais recentes, todos os homens possuíam um *ba*, mas, no Antigo Império, o homem comum desfrutava de uma imortalidade comum, enquanto o rei divino desfrutava de uma imortalidade especial divina, passando para o reino de Osíris. O deus da terra Osíris foi assassinado por seu irmão invejoso Seth e ressuscitado por sua irmã e esposa Isis. Mesmo ressuscitado, Osíris não pôde voltar para a terra, e tornou-se rei do mundo dos mortos. Seu antigo posto foi ocupado por seu filho Horus⁷⁶. No período do Médio Império (cerca de 2000-1700 A.E.C.), a mumificação de cadáveres tornou-se uma prática generalizada. O homem é um ser composto que não pode existir sem o corpo, assim, o corpo deve ser embalsamado, para que possa ser preservado⁷⁷.

Os israelitas possuíam um conceito de uma caverna subterrânea, chamada *š·'ō·wl*, onde os mortos permaneciam com tristeza e miséria⁷⁸. *š·'ō·wl* parece ser a moradia dos mortos, segundo a tradição judaica, assim como a “terra sem retorno” dos babilônios e o Hades, dos gregos⁷⁹. Não parece ser um lugar atraente:

Sendo assim, tudo quanto vier à mão para realizar, faze-o com o melhor das tuas forças, porquanto para o *Sheol*, a sepultura, para onde vais, não há atividade, trabalho, reflexão, planos, conhecimento, saber, nem nada. (Ec 9:10)

Aparentemente, todos os mortos dirigem-se a este lugar:

⁷⁵ Reisner (1911, p. 8).

⁷⁶ Ibid., p. 10-11.

⁷⁷ Botterweck & Ringgren (*Theological Dictionary of the Old Testament*, 1997, Vol. 1, p. 77).

⁷⁸ Keller (1974, p. 20).

⁷⁹ Sellers (1945, p. 12-13).

Indignado Jacó rasgou suas vestes, vestiu-se de pano de saco, conforme a tradição, e pranteou durante muitos dias por seu amado filho. Todos os seus filhos e filhas se achegaram para oferecer-lhe consolo, contudo ele recusou toda e qualquer consolação, e declarou: “Não! É em luto que descerei ao *Sheol* para me encontrar com meu filho!” E continuou a chorar a perda de seu filho José. (Gn 37:34-35)

O SENHOR é quem tira a vida e a dá; faz descer ao *Sheol*, à sepultura, e da morte resgata. (1 Sm 2:6).

Segundo Jó, o lugar dos mortos é escuro e sem retorno:

antes que eu vá para o lugar de que não voltarei, para a terra das trevas e da sombra da morte; terra de negridão, de profunda escuridade, terra da sombra da morte e do caos, onde a própria luz é tenebrosa. (Jo 10:21-22)

Para Ben Sira⁸⁰, é impossível levar posses para o mundo inferior, um lugar desprovido de prazer.

And treat yourself well for there is no seeking of delight in Sheol and everything is silent.⁸¹

Para Holm, *š·'ō-wl* é um “limbo sombrio”⁸². Para Paton, *š·'ō-wl* pode ser visto como uma vasta caverna abaixo da superfície, em contrapartida ao firmamento, que se localiza acima da superfície da terra, e poderia, eventualmente, ser acessado por uma abertura na terra, apesar de ser um caminho não usual, como ocorreu no caso de Côrach e seus familiares⁸³.

E abriu a terra sua boca e tragou-os, e as suas casas, a todos os homens de Côrach e a todos os seus bens. E desceram eles, e tudo que era deles,

⁸⁰ O Livro de Ben Sira, uma coletânea poética de provérbios e ensinamentos, foi escrito em hebraico por volta de 180 A.E.C. por um sábio de Jerusalém chamado Shim'on ben Yeshua' ben 'El'azar ben Sira.

⁸¹ Ben Sira 14:16, em: RENDSBURG, Gary A.; BINSTEIN, Jacob. *The Book of Ben Sira*. New Brunswick (N.J.): Rutgers University, s/d, disponível em: <www.bensira.org>, acesso em: 22/07/2014.

⁸² Holm (2004, p. 480).

⁸³ Paton (1910, p. 161-162).

vivos ao abismo, e cobriu-os a terra e desapareceram do meio da congregação. (Nm 16:32-33)

A grande maioria dos egípcios acreditava num submundo, *Earu*, uma cópia da vida terrena com maiores periculosidade e maldade⁸⁴. Durante o Novo Império (cerca de 1600-1200 A.E.C.), há um desenvolvimento da magia em todas as formas – textos, objetos simbólicos, conhecimento do outro mundo. Algumas tumbas, esculpidas em pedras e com passagens secretas para dificultar pilhagens, contém imagens do submundo, da terra dos mortos, e cópias do livro dos mortos, como também diversos amuletos. Implementos, armas e utensílios diversos ainda são inseridos nas câmaras funerárias. Nos períodos ptolemaico e romano (após 323 A.E.C.), ocorre o estágio final do culto a Osíris, quando não há mais utensílios inseridos nos túmulos e os ricos possuem caixas para múmias pintadas de dourado com amuletos e papiros funerários, enquanto os pobres são simplesmente envolvidos em faixas. Os homens aprendem palavras, em vida, para guiá-los ao reino de Osíris. Ainda há oferendas sobre os túmulos⁸⁵.

Zabkar afirma que, na crença egípcia, de acordo com Heródoto (cerca de 485-420 A.E.C.), os mortos viviam na “Ilha dos Abençoados”, na cidade de Oasis, a sete dias de distância de Tebas através do deserto ou no Hades, o reino dos mortos, governado por Demeter (Isis) e Dionísio (Osíris)⁸⁶. Parece não haver nenhuma similaridade topográfica entre as duas regiões: um oásis terreno reservado aos “privilegiados” mortos, e um mundo subterrâneo. O rei Rampsinitos⁸⁷ entrou vivo no reino dos mortos e jogou dados com a deusa Demeter. Na literatura egípcia há uma narrativa similar, mais recente: Setne Khamuas, filho de Ramsés II, também se aventura no reino dos mortos para disputar um livro mágico com Neferkaptah.

Segundo Wood, a morada dos mortos, para os babilônios, possuía diversos nomes: *Aralu*, *Kigal* ou *Kigallu*, “grande abaixo” ou “mundo inferior”, uma região gigantesca nas profundezas da terra que rivalizava com o tamanho dos céus, ou *Irkalu*, “grande cidade”. Era descrita como “terra dos mortos”, “casa de montanha dos mortos”, “casa de

⁸⁴ Reisner (1911, p. 14).

⁸⁵ *ibid.*, p. 16.

⁸⁶ Zabkar (1963, p. 57).

⁸⁷ Figura literária da obra *Rhampsinit's visit to Hades*, de Heródoto, predecessor do lendário rei Quéops (2589–2566 A.E.C.) do Antigo Império Egípcio.

Tammuz”, *nabku*, “o buraco”, ou “o buraco da terra”⁸⁸. A alma, em sua jornada em direção ao *Aralu*, viajava para oeste, assim como o sol, em direção à escuridão. Atravessava o Grande Mar em um bote, e entrava nas “águas da morte”, além do estreito de Gibraltar, até alcançar o horizonte ocidental⁸⁹. A alma, então, passava por sete portais que atravessavam sete muralhas do *Aralu*, cada uma delas fechadas por barras e abertas apenas por porteiros⁹⁰. A morada dos mortos é uma “habitação escura”⁹¹, como uma gigantesca tumba coletiva, onde os mortos, cansados, se arrastam pela escuridão – nunca veem a luz, comem barro e se cobrem de penas. Os vermes consomem tudo aquilo que traz prazer ao coração dos vivos. O reino dos mortos também possuía um rei, Nergal, e uma rainha, Ereshkigal.

To the Land of no Return, the realm of [*Ershkigal*],
 Ishtar, the daughter of Sin, [set] her mind.
 Yea, the daughter of Sin set [her] mind
 To the dark house, the abode of Irkal[la],
 To the house which none leave who have entered it,
 To the road from which there is no way back,
 To the house wherein the entrants are bereft of li[ght],
 Where dust is their fare and clay their food,
 (Where) they see no light, residing in darkness,
 (Where) they are clothed like birds, with wings for garments,
 (And where) over door and bolt is spread dust.
 (*Descent of Ishtar to the Nether World*, Trad. E. A. Speiser, apud Pritchard, 2011, p. 77)

O reino dos mortos para os babilônios era a “terra sem retorno”, já que não há evidências de que os babilônios acreditavam na ressurreição dos mortos. Os mortos não poderiam retornar à vida, mas isto não significava que eles não conseguiam sair da “terra sem retorno” para assombrar os vivos, ou responder ao chamado de um médium. Há uma “água da vida” que serve apenas para trazer de volta aqueles que descem com vida ao *Aralu* – os vivos são impedidos de morrer, mas os mortos não são ressuscitados⁹².

⁸⁸ Wood (1916, p. 129-131).

⁸⁹ Paton (1910, p. 162); Wood (op. cit., p. 129-131).

⁹⁰ Paton (op. cit., p. 163); Wood (op. cit., p. 129-131).

⁹¹ “Dark house” (*Descent of Ishtar to the Nether World*, Trad. E. A. Speiser, apud Pritchard, 2011, p. 77) ou “House of Darkness” (*The Epic of Gilgamesh*, Trad. E. A. Speiser, apud Pritchard, 2011, p. 57). Em Jó 10:21-22, conforme exemplo acima, encontramos a mesma noção de mundo subterrâneo marcado pela escuridão.

⁹² Paton (1910, p. 169).

Para os hindus, há sete mundos inferiores, cada um correspondendo a um sétimo do tamanho da Terra⁹³. Os diferentes infernos são destinados aos pecadores, cada qual com seu nível de pecado. Assim, aqueles que contam mentiras ou falsos testemunhos são destinados a um inferno, aqueles que se embebedam ou roubam são destinados a outro, e assim por diante⁹⁴.

Para os antigos chineses, havia duas residências míticas para os imortais: uma no extremo leste, no mar, e outra no extremo oeste, no topo do monte K'un-lun, a residência de Hsi Wang-mu⁹⁵.

Os romanos, apesar de que muitos imigrantes ou descendentes de imigrantes traziam para Roma suas próprias crenças e seu folclore, eram geralmente conservadores em questões religiosas, e mantinham suas crenças nos deuses antigos da religião primitiva, e nos *manes* – espíritos dos membros da família falecidos⁹⁶; mas é possível que o povo romano, ou pelo menos grande parte dele, acreditasse e se aterrorizasse com o Hades, conforme podemos concluir de uma afirmação de Lucrécio (99-55 A.E.C.):

That dread of Acheron⁹⁷ must be driven headlong which troubles the life of men and overspreads everything with the blackness of death (Sullivan, 1943, p. 21-22).

O livro de Jó defende a crença de que haverá recompensa ou punição após a morte, para que haja reparação das injustiças aparentes da vida:

Porque qual será a esperança do ímpio, quando lhe for cortada a vida, quando Deus lhe arrancar a alma? Acaso, ouvirá Deus o seu clamor, em lhe sobrevivendo a tribulação? (Jo 27:8-9)

Diversas passagens bíblicas afirmam a possibilidade de ressuscitação dos mortos:

⁹³ Atala, Vitala, Nitala, Sutala, Talatala, Rasatala, Patala. (Söhnen & Schreiner, 1989, p. 56).

⁹⁴ Ibid. p. 57-58.

⁹⁵ “Western Queen Mother” (Yü, 1964-65, p. 96).

⁹⁶ Sullivan (1943, p. 20).

⁹⁷ Rio mitológico que leva ao Hades; a palavra Aqueronte (Acheron) pode também se referir ao próprio Hades (ibid.).

Os vossos mortos e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão; despertai e exultai, os que habitais no pó, porque o teu orvalho, ó Deus, será como o orvalho de vida, e a terra dará à luz os seus mortos. (Is 26:19)

Mas Deus remirá a minha alma do poder da morte... (Sl 49:15)

O SENHOR é o que tira a vida e a dá; faz descer à sepultura e faz subir. (1 Sm 2:6)

Contudo, os teus mortos viverão; seus corpos ressuscitarão! Despertai e cantai, pois, vós os que retornaram ao pó; despertai e cantai com grande júbilo. O teu orvalho é orvalho de luz; a terra dará à luz os seus mortos! (Is 26:19).

Multidões e multidões que dormem no pó da terra acordarão: uns para a vida eterna, outros para a vergonha, humilhação e para o desprezo eterno. (Dn 12:2)

Há dois exemplos na Bíblia Hebraica de pessoas que voltaram da morte⁹⁸: o menino ressuscitado através de Elias e aquele ressuscitado através de Eliseu.

O SENHOR atendeu à voz de Elias; e a alma do menino tornou a entrar nele, e reviveu. (1 Rs 17:22)

Tendo o profeta chegado à casa, eis que o menino estava morto sobre a cama”; “este espirrou sete vezes e abriu os olhos. (2 Rs 4:32, 35)

Para os egípcios, uma fórmula encantatória do Livro dos Mortos supostamente torna possível que o morto renasça em qualquer forma desejada, como homem, falcão, cisne, cobra, crocodilo, serpente, flor-de-lótus ou até mesmo na forma de um deus⁹⁹. Tanto o Livro dos Mortos quanto Heródoto mencionam três categorias de seres através dos quais a alma deve passar progressivamente em cada ciclo: criaturas da terra, mar e ar. Estas transformações são consideradas pelos egípcios não como uma punição ou

⁹⁸ Estudos científicos contemporâneos para uma melhor compreensão dos temas de quase-morte ou vida após a morte foram sistematicamente elaborados pelo Dr. Raymond Moody, doutor em Medicina pela Universidade da Geórgia, e estão disponíveis em: <www.lifeafterlife.com>. Sobre o tema da reencarnação, uma sugestão acadêmica são os trabalhos de Ian Stevenson, psiquiatra da Universidade da Virgínia, com vários trabalhos publicados sobre o assunto, em destaque: *Reincarnation and Biology: A Contribution to the Etiology of Birthmarks and Birth Defects*. Praeger Publishers, 1997.

⁹⁹ *irt hprw*, da biografia de Ahmose, geralmente traduzido como “make transformation into, assume the form of”, mas pode também ser traduzido como “bring up, educate” ou “be born”, ou até mesmo como “to be reborn”, segundo Zabkar (1963, p. 59).

purificação, mas sim como uma experiência desejável, pré-requisito indispensável para uma boa pós-vida de liberdade de movimento e plenitude de atividades físicas e diversão, levando à suprema felicidade. O morto poderia até mesmo se tornar parecido com os deuses. A experiência contrária traria o medo do esquecimento e a possível destruição, a chamada “segunda morte”, a pior punição para um morto. Segundo a crença egípcia, homem não seria composto de corpo e alma, e a morte não significaria a separação de ambos. Porém, existem algumas inscrições mortuárias do Novo Império que sugerem o conceito dualístico do homem no Egito antigo: uma fórmula para “remover o *ba* do cadáver”¹⁰⁰, ou “o *ba* não deve partir” do corpo “mas atingir o cadáver ou repousar sobre ele”¹⁰¹. A expressão “remover o *ba* do cadáver” significa fazê-lo emanar do cadáver, fazê-lo vir à existência¹⁰². O *ba*, o suposto “elemento espiritual”, não necessariamente vai para o paraíso para o descanso permanente da alma após a separação do corpo, mas o falecido deseja que seu *ba* desfrute de liberdade ilimitada de movimento no céu na companhia do deus-sol. O falecido necessita ter poder sobre seu corpo, o “elemento material”, especialmente sobre suas pernas, para alcançar a plenitude do movimento e a vida. Esta integridade física requerida do corpo é adquirida através de rituais e cerimônias com fórmulas encantatórias especiais. O corpo se torna um dos diversos tipos de existência na outra vida. A noção egípcia de paraíso e inferno não possui nada do espírito humano desencarnado, desprovido de seu corpo, e o *ba* possui também funções físicas, ou seja, não é como o elemento espiritual que contrasta com o corpo material – o conceito egípcio de homem não faz esta distinção. Sendo assim, traduzir *ba* como “alma” é um equívoco, já que alma é conceito estranho à noção egípcia de homem. A alma não sai do corpo após a morte; o homem é que se torna um novo ser, externamente manifestado como falcão, flor-de-lótus, homem, deus ou diversas outras formas, plenamente de posse de suas qualidades físicas¹⁰³.

Segundo Heródoto, os egípcios acreditavam que a alma imortal pudesse reencarnar em diversos seres vivos, até completar um ciclo de três mil anos:

The egyptians were the first to teach that the human soul is immortal, and at the death of the body enters into some other living being than coming to birth; and after passing through all creatures of land, sea and

¹⁰⁰ Spell 94, Coffin Texts II, 67a-b, em: Zabkar (1963, p. 61).

¹⁰¹ Spell, Coffin Texts IV, 57j (ibid., p. 62).

¹⁰² Ibid.

¹⁰³ Ibid., p. 61.

air – which cycle it completes in three thousand years – it enters once more in a human body at birth. Some of the Greeks, early and late, have used this doctrine as if it were their own; I know their names, but do not here record them.

(Herodotus II:123, Trad. A. D. Godley, em: Zabkar, 1963, p. 58)

Para os babilônios, não havia ressuscitação, nem tampouco o conceito de recompensa ou punição pela conduta durante a vida. Assim, os bons e os perversos não ficavam separados, apesar de que alguns sofriam maior desconforto que outros, causado por sepultamento impróprio ou falta de oferendas ao falecido. A morte, então, tornava os homens iguais, sem distinção em categorias ou níveis resultantes de suas ações durante a vida: reis, sacerdotes, magos e pessoas comuns se encontravam na morada dos mortos, escura e poeirenta, para uma existência apática¹⁰⁴. Os espíritos daqueles que morreram sem ter se casado ou sem ter tido filhos, ou mesmo aqueles que sofreram mortes precoces, por assassinato ou ao dar à luz, não conseguiriam descanso nos túmulos¹⁰⁵.

Nas listas de reis de Ebla e Ugarit, não havia o conceito de julgamento final com recompensa ou punição após a morte, e a imortalidade era geralmente reservada aos deuses, apesar de que reis ou heróis poderiam, eventualmente, se tornar deuses¹⁰⁶. Um exemplo interessante de ressuscitação ocorre quando o deus ugarítico da fertilidade Baal, assassinado pelo deus Mot, foi ressuscitado pela deusa Anat através do transporte do corpo para uma montanha sagrada. A terra volta a ter fertilidade quando o deus é ressuscitado. Sete anos depois, Baal derrota Mot.

Puissant Baal is dead,
The Prince, Lord of Earth, is perished.
(...) Picks up Puissant Baal,
Sets him on Anath's shoulder.
Up to Zaphon's Fastness she brings him
(...) And behold, alive is [Puissant Baal]!
The heavens fat did rain,
The wadies flow with honey.
(*Poems about Baal and Anath*, Trad. H. L. Ginsberg, apud Pritchard, 2011, pp. 124-129)

¹⁰⁴ Leuba (1917, p. 610).

¹⁰⁵ Wood (1916, p. 126).

¹⁰⁶ Holm (2004, p. 479).

A terra também perde a fertilidade devido ao desaparecimento de Telepinus, filho do deus da tempestade hitita, causando uma fome terrível, que comprova a perecibilidade dos deuses:

In the land famine arose so that man and gods perished from hunger.
(*The Telepinus Myth*, Trad. A. Goetze, apud Pritchard, 2011, p. 101)

No antigo Iran, a noção do julgamento final é expressa dramaticamente pela travessia da “ponte do separador”, *chinvad peretu*, onde o virtuoso atravessa para a “morada das músicas”, a morada celestial, enquanto o ímpio cai em direção a “casa da falsidade”, onde fica separado da verdade¹⁰⁷.

In immortality shall the soul of the righteous be ever in splendor.
But in misery the soul of the wicked shall surely be. These laws hath
Mazda Ahura ordained through His Sovereign Authority.
(*Ushtavaiti Gatha, Yasna 45:7*, em Irani, 1998, p. 37)

Um dos textos sagrados do Zoroastrismo, conhecidos como Avestas, traz uma visão do paraíso e do inferno com uma riqueza de detalhes surpreendente a respeito do destino das almas, suas recompensas e punições.

I also saw, I Arda Viraf, Rashn the just, who held in his hand the yellow golden balance, and weighed the pious and the wicked.
And afterward, Srosh the pious, and Adar the angel, took hold of my hand,
and said thus: 'Come on, so that we may show unto thee heaven and hell; and the splendor and glory and ease and comfort and pleasure and joy and delight and gladness and fragrance which are the reward of the pious in heaven.
We shall show thee the darkness and confinement and ingloriousness and misfortune and distress and evil and pain and sickness and dreadfulness and fearfulness and hurtfulness and stench in the punishments of hell, of various kinds, which the demons and sorcerers and sinners perform.
We shall show thee the place of the true and that of the false. We shall show thee the reward of the firm believers in Ohrmazd and the archangels, and the good which is in heaven, and the evil which is in hell;
and the reality of God and the archangels, and the non-reality of Ahriman and the demons; and the existence of the resurrection of the

¹⁰⁷ Irani (1998, p. 6-7).

dead and the future body. (*The Book of Arda Viraf*, Cap. 5, versos 5-13)¹⁰⁸

Na antiga literatura chinesa do início do período Han (206 A.E.C. – 220 E.C.), há um poema que descreve os imortais, seres elegantes que “inalam o vento”, “bebem o orvalho” e andam sobre as nuvens, em termos daquilo que seria a transcendência para o outro mundo.

Far away on the mountain of Ku there lived a spiritual man. His flesh and skin were like ice and snow. His manner was elegant and graceful as that of a maiden. He did not eat any of the five grains, but inhaled the wind and drank the dew. He rode on clouds, drove along the flying dragons, and thus rambled beyond the four seas. (*Chuang Tzu*, Cap. 1, Trad. Fung Yu-lan, em: Yü, 1964-65, p. 91)

Para Platão (428-348 A.E.C.), a jornada da alma após a morte, “o melhor dos sonos”, termina em um local sem medo de sofrimento para um bom homem, na companhia dos heróis do passado e de juízes justos.

For either death is a long sleep, the best of sleeps, or a journey to another world in which the souls of the dead are gathered together, and in which there may be a hope of seeing the heroes of old – in which, too, there are just judges; and as all are immortal, there can be no fear of anyone suffering death for his opinions... no evil can happen to the good man either in life or death...¹⁰⁹

¹⁰⁸ *The Book of Arda Viraf: the Pahlavi text prepared by Destur Hoshangji Jamaspji Asa*. Trad. Prof. Martin Haug, em: HORNE, Charles F. [ed.]. *The Sacred Books and Early Literature of the East, Volume VII: Ancient Persia*. Chicago: Library University of Chicago, 1917, disponível em: <<http://avesta.org/mp/viraf.html>>, acesso em: 06/08/2014. Segundo o editor, tudo o que se sabe sobre o autor é o que está registrado na própria obra; há uma suposição de que este autor possa ser identificado com um comentarista das Avestas do período do Império Sassânida (224-651 E.C.).

¹⁰⁹ “But if death is the journey to another place, and there, as men say, all the dead abide, what good, O my friends and judges, can be greater than this? If indeed when the pilgrim arrives in the world below, he is delivered from the professors of justice in this world, and finds the true judges who are said to give judgment there, Minos and Rhadamanthus and Aeacus and Triptolemus, and other sons of God who were righteous in their own life, that pilgrimage will be worth making. What would not a man give if he might converse with Orpheus and Musaeus and Hesiod and Homer? Nay, if this be true, let me die again and again. I myself, too, shall have a wonderful interest in there meeting and conversing with Palamedes, and Ajax the son of Telamon, and any other ancient hero who has suffered death through an unjust judgment; and there will be no small pleasure, as I think, in comparing my own sufferings with theirs. Above all, I shall then be able to continue my search into true and false knowledge; as in this world, so also in the next; and I shall find out who is wise, and who pretends to be wise, and is not. What would not a man give, O judges, to be able to examine the leader of the great Trojan expedition; or Odysseus or Sisyphus, or numberless others, men and women too! What infinite delight would there be in conversing with them and asking them questions! In another world they do not put a man to death for asking questions: assuredly not. For besides being happier than we are, they will be immortal, if what is said is true”. PLATÃO. *Apology*

Pitágoras (570-490 A.E.C.) afirmava que a alma é superior ao corpo e que a vida no corpo é uma espécie de prisão para a alma. Segundo um fragmento de seu contemporâneo Xenófonos de Cólofon, Pitágoras acreditava em reencarnação ou metempsicose, segundo a qual uma alma humana poderia renascer em outros animais após a morte:

Dizem que, certa vez, ele [Pitágoras] passou por um cão que estava sendo surrado e, apiedando-se, assim falou: ‘Pare e não bata nele; pois a alma é a de um amigo; sei-o, pois o ouvi falar’.¹¹⁰

Segundo Empédocles (490-430 A.E.C.), a vida na terra é uma punição para os pecados, e uma vida sem pecados pode promover a alma ao nível de um deus¹¹¹. Influenciado por Pitágoras, Empédocles acreditava ter sido outros seres vivos em outras vidas:

For I was once already boy and girl, thicket and bird, and mute fish in the waves. (*The Fragments of Empedocles* No. 24)¹¹²

Para Philo, os homens acreditam que a morte representa o fim da punição – os bons e sábios teriam seu lugar no céu, enquanto os maus estariam sujeitos à morte sem

Also known as The Death of Socrates. Trad. Benjamin Jowett. Disponível em: <<http://www.fullbooks.com/Apology-Also-known-as-The-Death-of-Socrates.html>>, acesso em: 11/08/2014.

¹¹⁰ Trad. Livio (2010, p. 41). Original em inglês: “once when he [Pythagoras] was present at the beating of a puppy, he pitied it and said ‘stop, don't keep hitting him, since it is the soul of a man who is dear to me, which I recognized, when I heard it yelping’.” (HUFFMAN, Carl. *Pythagoras*, em: ZALTA, Edward N. (ed.). The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2011), disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/fall2011/entries/pythagoras>>, acesso em: 18/11/2013).

¹¹¹ “Shall wander thrice ten thousand weary years / Far from the Blessed, and be born through time / In various shapes of mortal kind, which change / Ever and ever troublous paths of life” (*The Fragments of Empedocles* no. 55); “And seers at last, and singers of high hymns, / Physicians sage, and chiefs o'er earth-born men / Shall they become, whence germinate the gods / The excellent in honors” (*The Fragments of Empedocles* no. 146). (*The Fragments of Empedocles*, from Cornell University Library. Trad. William E. Leonard. Chicago: The Open Court Publishing Company, 1908, disponível em: <http://archive.org/stream/cu31924028975923/cu31924028975923_djvu.txt>, acesso em: 18/11/2013).

¹¹² *Ibid.*

fim do inferno¹¹³. O inferno é chamado por Philo de “o lugar dos maus”¹¹⁴, e não recebe o nome mitológico “Hades”, já que o Hades representaria o tipo de vida que um homem mau vive¹¹⁵, e não poderia ser um lugar ou espaço de banimento, seria um lugar de impiedade e isolamento¹¹⁶. Assim, vida imortal e morte eterna aguardam, respectivamente, o bom e o mau¹¹⁷.

Philo acreditava, então, na reencarnação de um elemento espiritual, e no seu retorno à origem após a morte. Uma alma pode, também, receber imortalidade e ser co-eterna junto com o sol, a lua e todo o universo¹¹⁸. Philo acreditava que diversos personagens, livres de seus corpos físicos, serviam como intercessores em prol de seus descendentes¹¹⁹.

Virgílio (70-19 A.E.C.), em seu poema épico *Eneida*, traz as suas crenças sobre o destino da alma, onde Enéias, ancestral dos romanos, desce ao mundo dos mortos e lá tem contato com diversos espectros reconhecíveis – crença similar à grega. O poeta também afirma que as almas purificadas atravessam um ciclo de mil anos para poderem voltar a um corpo¹²⁰.

A crença na sobrevivência do homem ou de algum elemento “espiritual” ligado ao corpo humano é, então, uma tradição comum dos povos antigos. A crença em algum tipo de inferno ou purgatório pós-morte, o *š·'ō·wl* bíblico, o *Earu* egípcio, o *Aralu* mesopotâmico, os sete mundos inferiores hindus, o monte K'un-lun chinês e o Hades grego são alguns exemplos da importância deste conceito que povoa as mentes dos povos antigos. Mesmo não sendo uma unanimidade entre estes povos, a reencarnação é um tema recorrente nas literaturas antigas. A busca da imortalidade é o tema central de alguns dos mais importantes épicos do mundo antigo, como o mito cananeu de Aqhat, o chinês Huang Ti e os mesopotâmicos Gilgamesh e Izdubar. Na Bíblia Hebraica, estão bem

¹¹³ Philo (*On Dreams, That They are God-Sent*, *ibid.*, p. 13421).

¹¹⁴ “The place of the wicked” (*ibid.*, *A treatise on the Cherubim; and On the Flaming Sword; and On the First-Born Child of Man, Cain*, p. 2886).

¹¹⁵ “the real hell is the life of the wicked” (*ibid.*, *On Mating with the Preliminary Studies*, p. 10967).

¹¹⁶ *Ibid.* (*Allegorical Interpretation 3*, p. 2019).

¹¹⁷ *Ibid.* (*That the Worse is Wont to Attack the Better*, p. 4204).

¹¹⁸ *Ibid.* (*On the Life of Moses 2*, p. 17534).

¹¹⁹ *Ibid.* (*Questions and Answers on Genesis 1*, p. 28690).

¹²⁰ *Eneida*, 6: 748-751 em: Zabkar (1963, p. 59).

fundamentadas as crenças na eternidade da alma, na existência da vida após a morte e na reencarnação.

Referências Bibliográficas

ARISTOTLE. *On the Soul*, em: *The Internet Classics Archive from MIT*. Trad. J. A. Smith. Cap. II:1. Disponível em: <<http://classics.mit.edu/Aristotle/soul.html>>, acesso em: 18/03/2013

ALBRIGHT, W. F. *The Goddess of Life and Wisdom*, em: *The American Journal of Semitic Languages and Literatures*, The University of Chicago Press, Vol. 36, No. 4 (Jul., 1920), pp. 258-294, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/528330>>, acesso em: 28/01/2014.

BÍBLIA. Hebraico. *Mikraot Gedolot Meorot*. Jerusalém: Bruchman, 1995.

BÍBLIA. Hebraico. *Sifrei Hamikra: Sefer Bereshit*. Comentários de M. D. Cassuto e A. S. Hartom. Tel Aviv: Iavne, 1965.

BÍBLIA. Inglês. *The Pentateuch and Rashi's Commentary: A Linear Translation into English*. Vol. 1: Genesis. BEN ISIAH, Abraham; SHARFMAN, Benjamin [ed.]. New York: S. S. & R. Publishing Company, 1976.

BÍBLIA. Inglês. *The Stone Edition Tanach*. Ed. R. Nossou Scherman. New York: Mesorah Publications Ltd., 1996.

BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém. 2ª Impressão. São Paulo: Paulus, 2003.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia Sagrada*. Trad. João Ferreira D'Almeida. Rio de Janeiro: Sociedades Bíblicas Unidas, 1950.

BÍBLIA. Português. *Torá: A Lei de Moisés*. Trad. Meir Matzliah Melamed. São Paulo, Sefer, 2001.

BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer [ed.]. *Theological Dictionary of the Old Testament*. Grand Rapids (MI): William B. Eerdmans Publishing Company, 1997.

BRENNAN, TAD (2002). *Immortality in Ancient Philosophy*, em: CRAIG, E. [ed.] *Routledge Encyclopedia of Philosophy*. London: Routledge, 2002, disponível em: <<http://www.rep.routledge.com/article/A133SECT1>>, acesso em: 13/11/2013.

BROWN, Francis; DRIVER, S. R.; BRIGGS, Charles A. *The New Brown-Driver-Briggs-Gesenius Hebrew and English Lexicon*. Peabody (MA): Hendrickson Publishers, 1979.

- CLARK, Matityahu. *Etymological Dictionary of Biblical Hebrew*. New York: Feldheim Publishers, 1999.
- CLINES, David J. A. [ed.]. *The Dictionary of Classical Hebrew*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1995.
- DAVIDSON, T. *Conditions of Immortality: According to Aristotle*, em: The Journal of Speculative Philosophy, Penn State University Press, Vol. 8, No. 2 (April, 1874), pp. 143-165, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/25665867>>, acesso em: 22/07/2014.
- ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FAWKES, Glynnis; ALLAN, Robert. *Aqhat*. Trad. N. Wyatt. Louvre, inv. no. AO 17.324, p. 13, disponível em: <<http://glynnisfawkes.com/wp-content/uploads/2011/03/AQHAT.pdf>>, acesso em: 10/12/2013.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. 7ª ed. Curitiba: Positivo, 2008.
- FREEDMAN, David Noel. *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992.
- GUERBER, Hélène Adeline. *The Story of the Greeks*. New York: American Book Company, 1896, Kindle Edition.
- GINZBERG, Louis. *The Legends of the Jews. Volume 1: Bible Times and Characters, From the Creation to Jacob*. Oxford: Gutenberg Foundation, 2001.
- GOODENOUGH, Erwin R. *Philo on Immortality*, em: The Harvard Theological Review, Cambridge University Press, Vol. 39, No. 2 (Apr., 1946), pp. 85-108, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1508103>>, acesso em: 14/11/2013.
- HALLEVI, Judah. *The Book Al Khazari*. Trad. Hartwig Hirschfeld. New York: E. P. Dutton, 1905, Kindle Edition.
- HARPER, William R. *The Sons of God and the Daughters of Men. Genesis VI*, em: The Biblical World, The University of Chicago Press, Vol. 3, No. 6 (Jun., 1894), pp. 440-448, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3135560>>, acesso em: 19/02/2013.
- HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. [org.]. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Trad. Márcio Loureiro Redondo; Luiz Alberto T. Sayão; Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HASTINGS, James. *Dictionary of the Bible*. New York: Charles Scribner's Sons, 1909.
- HERODOTUS. *An Account of Egypt*. Trad. George Campbell Macaulay. Amazon Digital Services, 2012, Kindle Edition.

_____. *The Histories: Complete*. New York: Start Publishing Company, 2012, Kindle Edition.

HOLLADAY, William L. *Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento*. Trad. Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2010.

HOLLAND, R. A.. *Immortality*, em: The Journal of Speculative Philosophy, Penn State University Press, Vol. 19, No. 2 (April, 1885), pp. 113-132, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/25668058>>, acesso em: 22-07-2014.

HOLM, Tawny. *Death, The Afterlife, and Other Last Things: Syria-Canaan*, em: JOHNSTON, Sarah Iles [ed.]. *Religions of the Ancient World: A Guide*. Cambridge (MA): The Belknap Press of Harvard University Press, 2004, pp. 479-480, disponível em: <<https://www.academia.edu/1826720>>, acesso em: 24/06/2013.

HUFFMAN, Carl. *Pythagoras*, em: ZALTA, Edward N. (ed.). The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2011), disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/fall2011/entries/pythagoras>>, acesso em: 18/11/2013

IRANI, D. J. *The Gathas: The Hymns of Zarathushtra*. Center for Ancient Iranian Studies, 1998.

JASTROW, Marcus [ed.]. *A Dictionary of the Targumim, The Talmud Babli and Yerushalmi, and the Midrashic Literature*. New York: The Judaica Press, 1996.

JOSEPHUS, Flávio. *Against Apion*. Trad. William Whiston. Mobile Reference, 2008, Kindle Edition.

_____. *História dos Hebreus*. Trad. Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2008.

_____. *Josephus Flavius Complete Works*. Trad. William Whiston. Anotated Classics, s/d, Kindle Edition.

KAPLAN, Aryeh. *The Living Torah*. New York: Maznaim Publishing Corporation, 1981.

KAUFMANN, Yehezkel. *A Religião de Israel*. Trad. Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

KELLER, Edmund B. *Hebrew Thoughts on Immortality and Resurrection*, em: International Journal for Philosophy of Religion, Vol. 5, No. 1 (Spring, 1974), pp. 16-44, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/40021203>>, acesso em: 11/12/2013.

KOEHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter [ed.]. *Lexicon in Veteris Testamenti Libros*. Leiden: E. J. Brill, 1985.

LAI, Chi-Tim. *Ko Hung's Discourse of Hsien-Immortality: A Taoist Configuration of an Alternate Ideal Self Identity*, em: Numen, Brill, Vol. 45, Fasc. 2 (1998), pp. 183-220, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3270186>>, acesso em: : 21/07/2014.

LEUBA, J. H. *The Primitive and The Modern Conceptions of Personal Immortality*, em: The Monist, Hegeler Institute, Vol. 27, No. 4 (OCTOBER, 1917), pp. 608-617, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/27900662>>, acesso em: 11/12/2013.

MAIMONIDES, Moses. *The Guide for the Perplexed*. Trad. M. Friedlander. 2a. Edição. Dover Publications, 1956.

MAYS, James L. [ed.]. *Harper's Bible Commentary*. San Francisco: Harper & Row, 1988.

MAZAR, Biniamin [ed.]. *Enciclopedia Mikrait* (Hebraico). Jerusalém: Bialik Institute, 1982.

MCCARTY, Justin [et. al.]. *Babylonian and Assyrian Literature: The Epic of Izdubar, Hymns, Tablets and Cuneiform Inscriptions*. New York: The Colonial Press, 1901, disponível em: <<http://www.archive.org/details/babylonianassyriOOwilsuoft>>, acesso em: 16/12/2013.

METZGER, Bruce M.; COOGAN, Michael D. [ed.]. *The Oxford Companion to the Bible*. Oxford: Oxford University Press, 1993, pp. 560-563.

PATON, Lewis Bayles. *Archaeology and the Book of Genesis*, em: The Biblical World, The University of Chicago Press, Vol. 45, No. 3 (Mar., 1915), pp. 135-145, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3142529>>, acesso em: 24/06/2013.

_____. *The Hebrew Idea of the Future Life. III. Babylonian Influence in the Doctrine of Sheol*, em: The Biblical World, The University of Chicago Press, Vol. 35, No. 3 (Mar., 1910), pp. 159-171, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3141464>>, acesso em: 28/01/2014.

PHILO. *The Works of Philo Judaeus of Alexandria*. Trad. Charles Duke Yonge. London: H. G. Bohn, 1894, Kindle Edition.

PLATO. *Apology Also known as The Death of Socrates*. Trad. Benjamin Jowett. Disponível em: <<http://www.fullbooks.com/Apology-Also-known-as-The-Death-of-Socrates.html>>, acesso em: 11/08/2014.

_____. *Plato in Twelve Volumes*. Vols. 5-6. Trad. Paul Shorey. Cambridge (MA): Harvard University Press; 1969, disponível em:

<<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0168%3Abook%3D2%3Asection%3D364e>>, acesso em: 18/11/2013.

PRITCHARD, James B. [ed.]. *The Ancient Near East: An Anthology of Texts & Pictures*. Princeton (NJ): Princeton University Press, 2011.

REISNER, George Andrew. *The Egyptian Conception of Immortality*. Cambridge: The Ingersoll Lecture – Harvard University, 1911, disponível em: <<http://www.gutenberg.org/ebooks/12255>>, acesso em: 13/11/2013.

RENDSBURG, Gary A.; BINSTEIN, Jacob. *The Book of Ben Sira*. New Brunswick (N.J.): Rutgers University, s/d, disponível em: <www.bensira.org>, acesso em: 22/07/2014

SARNA, Nahum. *The JPS Torah Commentary. Genesis*. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1989.

SCHÖKEL, Luis Alonso. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. Trad. Ivo Storniolo; José Bortolini. São Paulo: Paulus, 1997.

SELLERS, Ovid R. *Israelite Belief in Immortality*, em: The Biblical Archaeologist, The American Schools of Oriental Research, Vol. 8, No. 1 (Feb., 1945), pp. 1-16, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3209211>>, acesso em: 14/11/2013.

SENECA. *Apocolocyntosis*. Trad. W. H. D. Rouse. PG Distributed Proofreaders, 1920, disponível em: <<http://www.fullbooks.com/Apocolocyntosis.html>>, acesso em: 11/08/2014.

SKINNER, John. *A Critical and Exegetical Commentary on Genesis*. 2ª Ed. Edinburgh: T & T Clark Ltd., 1976.

SKOLNIK, Fred [ed.]. *Encyclopaedia Judaica*. 2ª Ed., Vol. 15. Jerusalem: Keter Publishing House Ltd., 2007.

SÖHNEN, Renate; SCHREINER, Peter. *Bramapurana: Summary of Contents, with Index of Names and Motifs*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1989, disponível em: <http://books.google.com.sg/books?id=J2c6-tAt4vwC&pg=PA21&dq=Harita++Vijaya++Ruruka&hl=en&ei=yZaeTdqzDoXxrQf88cnrAg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=9&ved=0CEwQ6AEwCA#v=onepage&q=Harita%20%20Vijaya%20%20Ruruka&f=false>, acesso em: 01/10/2014.

SPEISER, E. A. *The Anchor Bible: Genesis*. Garden City (NY): Doubleday & Company, 1964.

SULLIVAN, Francis A. *Intimations of Immortality among the Ancient Romans*, em: The Classical Journal, The Classical Association of the Middle West and South, Vol. 39, No. 1 (Oct., 1943), pp. 15-24, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3291954>>, acesso em: 14/11/2013.

THE BOOK of Arda Viraf: the Pahlavi text prepared by Destur Hoshangji Jamaspji Asa. Trad. Prof. Martin Haug, em: HORNE, Charles F. [ed.]. *The Sacred Books and Early Literature of the East, Volume VII: Ancient Persia*. Chicago: Library University of Chicago, 1917, disponível em: <<http://avesta.org/mp/viraf.html>>, acesso em: 06/08/2014.

THE FRAGMENTS of Empedocles, from Cornell University Library. Trad. William E. Leonard. Chicago: The Open Court Publishing Company, 1908, disponível em: <http://archive.org/stream/cu31924028975923/cu31924028975923_djvu.txt>, acesso em: 18/11/2013.

THE SEPHER Ha-Zohar or The Book of Light: Bereshith to Lekh Lekha. Trad. Nurho de Manhar. Ed. H. W. Percival. New York: Theosophical Publishing Company, 1914, disponível em: <<http://www.sacred-texts.com/jud/zdm/index.htm>>, acesso em: 29/01/2014.

VON RAD, Gerhard. *Genesis: A Commentary*. Philadelphia: The Westminster Press, 1972.

WEISSMAN, M. *The Midrash Says: The Book of Beraishis*. New York: Benei Yakov Publications, 1980.

WERNER, Edward T. C. *Myths and Legends of China*. London: George G. Harrap & Co. Ltd., 1922.

WOLF, Laibl. *Cabalá Prática*. São Paulo: Maayanot, 2003.

WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. Trad. Antônio Steffen. São Paulo: Hagnos, 2007.

WOOD, W. Carleton. *The Religion of Canaan: From the Earliest Times to the Hebrew Conquest*, em: Journal of Biblical Literature, The Society of Biblical Literature, Vol. 35, No. 1/2 (1916), pp. 1-133, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3259344>>, acesso em: 24/06/2013.

YÜ, Ying-shih. *Life and Immortality in The Mind of Han China*, em: Harvard Journal of Asiatic Studies, Harvard-Yenching Institute, Vol. 25 (1964 - 1965), pp. 80-122, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2718339>>, acesso em: 21/07/2014.

ŽABKAR, Louis V. *Herodotus and the Egyptian Idea of Immortality*, em: Journal of Near Eastern Studies, The University of Chicago Press, Vol. 22, No. 1 (Jan., 1963), pp. 57-63, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/543931>>, acesso em: 14/11/2013.

Softwares

Bible Hub, Glassport (PA): Online Parallel Bible Project, 2013, disponível em: <biblos.com>.

Bible Works. Versão 5.0. Bigfork (MT): Hermeneutika Computer Bible Research Software, 2001.

Encyclopedia Yehudit. Hebraico. Gush Etzion (Israel): Daat Limudei Yehadut Veruah, Mikhlalat Herzog, 2010, disponível em: <<http://www.daat.ac.il/encyclopedia/index.asp>>.

Jewish Encyclopedia. New York: The Kopelman Foundation, 2002-2011, disponível em: <<http://www.jewishencyclopedia.com>>.

Judaic Classics Library. Versão 2.2. New York: Judaica Press, 2001.

Judaic Classics: The Soncino Talmud. Versão 3.4. New York: Judaica Press, 1990.